

Magistério: ofício ou sacerdócio?***Magistry: truth or priesthood?**

Humberto Vinício ALTINO FILHO**

Lídia Maria Nazaré ALVES***

Gislaine de Cássia Romualdo ARRUDA****

Kennedy Santos LOPES*****

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo expor duas construções da imagem do professor: uma que trata o magistério como sacerdócio, uma vocação, a ser desempenhada com amor e dedicação. Nessa vertente, o professor, além de ensinar tem que agradar e comover, tendo por gratificação riquezas não materiais. Outra faceta apresentada é a do professor como trabalhador docente, considerando a entrada das relações capitalistas no ambiente acadêmico e, por conseguinte, a proletarização do magistério. Neste caso o professor é visto como detentor do saber sistemático, fragmentado, em busca de uma maior produtividade em seus resultados. Por fim, percebeu-se que as duas concepções do magistério podem dialogar para que o professor possa ter a devida realização em sua função de ensinar, sem perder o caráter reivindicatório de sua classe trabalhista.

PALAVRAS-CHAVE: Professor.
Magistério. Capitalismo.

ABSTRACT: Through this paper we aim exhibit two constructions of the teacher's image: The first one treats the mastership like priesthood, one vocation, what should be done with love and dedication, in this aspect, the teacher besides to teach should to please and impress, having as gratification non-materials wealths. The other aspect exhibit the teacher as worker instructor, considering the entry of capitalist relations in the academic environment and, in consequence, the proletarianization of the mastership, the teacher as knowledge holder, systematic, fragmented, in search of a greater production. Lastly, it was realized that the two conceptions of the mastership must work together so that the teacher can achieve success in their teaching function, without losing the character to claim of his labor class.

KEYWORDS: Teacher. Mastership.
Capitalism

1 Introdução

Quando analisamos o magistério à luz de Rodriguez (2008), encontramos vertentes diferentes de sua caracterização e função social, em decorrência de sua imagem configurada e desconfigurada inúmeras vezes, ao longo de sua trajetória histórica.

*Versão modificada do artigo homônimo publicado nos Anais do I Seminário Científico da FACIG, 2015, v. 1. p. 551-556.

**Mestrando em Educação Matemática pela Universidade Federal de Ouro Preto.

***Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, Professora na UEMG e na FACIG.

****Licenciada em Matemática pela Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu.

*****Discente do curso de Licenciatura em Matemática, FACIG.

Dentre essas vertentes, encontramos duas linhas distintas uma trata o magistério como vocação, indicando um modelo de proximidade com a figura do sacerdote cristão, em que o professor é doador do seu trabalho, capaz de inspirar os indivíduos com os quais se relaciona. Por esse ângulo o trabalho se tornaria gratificante e a relação ensino-aprendizagem aconteceria de fato, tendo por recompensa o reconhecimento perante Deus e os homens. Outra é a visão do magistério no contexto do capitalismo, segundo o qual o docente, na posição de trabalhador, estaria condicionado ao desenvolvimento e à competitividade trazida pela globalização. Nesse sistema, a profissão se adéqua às normas laborais para formar acadêmica e socialmente os indivíduos. Sendo assim, seu caráter reivindicatório deveria ser valorizado e devidamente remunerado dentro de suas funções.

Em face dessas distintas vertentes objetivamos com este artigo viabilizar uma reflexão em torno das especificidades do magistério como ofício e sacerdócio, a fim de explicitar quais características de cada uma dessas vertentes estão presentes na docência na contemporaneidade.

Nesses termos acreditamos que este estudo é de grande valia para os graduandos de diferentes licenciaturas, pois, ao discorrer sobre tais facetas do magistério vislumbramos a caracterização da função que pode ser tomada por eles como forma de trabalho, uma vez que estão sendo formados como professores. O assunto merece ser conhecido e discutido, não apenas no âmbito escolar, mas também na comunidade, porque esta deve enxergar a função social do professor como artífice de edificação intelectual dos indivíduos, formador da cidadania, e merecedor de receber da sociedade os méritos que lhes são devidos.

2 A PROFISSÃO DIVINA

Com o passar dos anos, o perfil do professor vem sendo construído e desconstruído por diversas vezes. Por isso, torna-se complexo compreender como essas várias construções estão presentes nos profissionais da atualidade.

Rodriguez (2008), debruçada nos estudos de Santo Agostinho, na obra *De Magistro*, explicita a ideia do magistério como atividade vocacional, que traz consigo a conotação de doação, entrega, considerando que o professor “devia assumir sua missão como um ‘apostolado’. Não se tratava de um mero trabalho ou ofício, mas de uma vocação” (RODRIGUEZ, 2008, p.47).

Ao apresentar esta ideia, observamos a influência da religião nos processos educacionais da época.

A concepção do magistério como uma vocação era expressa em termos muito próximos aos da Escritura para caracterizar a missão do sacerdote católico. Descrevia-se a função do professor também como uma mediação entre Deus e a comunidade. Daí provinha sua dignidade e também profunda responsabilidade (KRENTZ, 1986, p. 15).

Observamos então, que o docente era realmente comparado ao sacerdote, até mesmo como mediador entre Deus e o homem. O professor era o mestre humano que tinha a função de despertar em seu discípulo o mestre interior. Assim sendo, a realização do professor estava contida na busca em comunicar a verdade, e para fazê-lo, era fundamental a presença do Mestre Interior.

A relação professor-aluno estava garantida pela Graça Divina, ou seja, pela presença do Espírito Santo, do “Mestre interior”. [...] O mestre humano devia “despertar”, no discípulo, a alegria, evitando o tédio na sala de aula e procurando o seu interesse (RODRIGUEZ, 2008, p.46).

Ainda nessa concepção sacerdotal do magistério, em obra homônima à de Santo Agostinho, Santo Tomaz de Aquino, também presente nos estudos de Rodriguez (2008) faz, posteriormente, algumas colocações diferentes das apresentadas por Santo Agostinho. Atribui maior valor à figura do professor, reconhecendo o papel deste como educador. Em contrapartida à afirmativa de Santo Agostinho, que dizia que “o mestre fundamental era o Mestre Interior” (RODRIGUEZ, 2008), Santo Tomaz de Aquino, com base no pensamento aristotélico da primeira e segunda causalidade, reconhece Deus como artífice principal do processo educacional e ao professor confere um papel dito secundário e instrumental, mas também essencial para o ensino.

Visto isso, podemos constatar que a identidade do professor estava profundamente ligada à figura de um “homem quase santo” [...]. Concepção essa, que, de certa forma, ainda repercute nos dias atuais” (RODRIGUEZ, 2008, p.48), tendo em vista uma parcela bastante expressiva de professores que age em conformidade com a visão do sacerdócio, enquanto outros organizam movimentos, a fim de lutar pelos seus direitos.

3 O OFÍCIO PROLETARIZADO

Sá (1986) afirma que a proletarização do trabalho docente fez com que a concepção sacerdotal do professor fosse deixada de lado, afirmando que tal visão seria mítica e que estaria encerrada definitivamente, uma vez que perdeu sua especificidade para adequar-se às relações capitalistas do mundo contemporâneo, equiparando então, o trabalho docente às demais profissões.

Sob o olhar de Krentz (1986), a construção da imagem do professor vocacionado se deu com o intuito de conduzir a um pensamento desligado dos ganhos materiais, o professor desempenhava suas funções com afincamento missionário e era recompensado com o reconhecimento perante Deus e os homens, sem grandes anseios financeiros.

A configuração da escola na sociedade capitalista trouxe para o magistério uma nova imagem, bem distante daquela tratada por Santo Agostinho. Nessa vertente, podemos enxergar uma descentralização do saber do professor para uma “divisão no aparelhamento escolar e a introdução de novas tecnologias, como meio de produção” (SÁ, 1986), aproximando as atividades educacionais das relações capitalistas.

Hiro (2013) ratifica o posicionamento de Sá (1986), ao afirmar que hoje o professor “é um trabalhador explorado como os demais” (HIRO, 2013, p.77), principalmente, após a ascensão do capitalismo como realidade econômico social. Sob essa concepção, o docente é um indivíduo que vende sua força-de-trabalho como os demais do proletariado, seguindo, também no ambiente escolar, o modelo capitalista de setorização e divisão do trabalho, para gerar um produto, participar da corrida pela especialização e aumentar a produtividade em seus resultados.

Na ótica capitalista, o profissional especializado, mesmo que precário, desqualificado e domesticado na prática cotidiana, é capaz de propiciar uma produção de riqueza maior sem significar maior salário, possibilitando uma apropriação maior de mais-valia por parte do capitalista (HIRO, 2013, p.76).

Assim, o professor pertence à classe social dos trabalhadores como os demais, desligando-se definitivamente da visão vocacional do professor, visto que “não podemos deixar de considerar que a educação de um determinado período histórico é fruto de uma necessidade socioeconômica desta mesma época” (HIRO, 2013, p.77).

4 AS DIFERENTES FACETAS DO TRABALHO DOCENTE

Em estudo recente feito por Lengert (2011, p. 20), encontramos “a ideia de vocação que continua incrustada nos discursos individuais e coletivos dos professores”. Segundo Arroyo (2000 *apud* LENGERT, 2011), tal imagem será difícil de se abandonar. Isso porque essa concepção está ainda firmemente presente no imaginário dos professores e da sociedade, a visão do professor como “aquele que professa uma arte, uma técnica ou ciência, um conhecimento” (ARROYO, 2000 *apud* LENGERT, 2011, p. 33), permanecerá ligada ao cenário de profecia, modo de vida, dedicação, missão, que foi construído culturalmente ao longo da história dessa profissão.

Ou seja, por mais que a nova escola tenha incorporado em seu sistema as relações capitalistas, no ideário dos professores ainda se encontra presente a visão do magistério como profissão vocacional.

Mesmo com as afirmações de que o molde sacerdotal está obsoleto, a construção histórica e as condições socioeconômicas da profissão conduzem alguns professores à insistirem em buscar sua realização no ofício amoroso de ensinar. “O mestre realiza-se no amor quando descende para entender e aceitar o aluno. Com essa ação, educa-se e aperfeiçoa a si mesmo, e os velhos conhecimentos renovam-se quando se ensina com dedicação e afincos” (RODRIGUEZ, 2008, p.47).

O estudo feito por Lyra (1999) comprova esse dado: ao fazer entrevistas com professores, obteve respostas que mostram como os próprios docentes se veem. Três principais visões vêm à tona: as duas primeiras, no modelo vocacional, podem ser traduzidas no formato que Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino propuseram anteriormente. A terceira é a visão proletarizada, de acordo com Sá (1986), Hiro (2013) e Krentz (1986), principalmente.

Lyra (1999), em suas investigações obteve resultados que apontam o professor como condutor do futuro, ou seja, o referido deve se responsabilizar pela formação dos alunos não só academicamente, mas também socialmente. Tal visão, embora pareça se aproximar do modelo atual capitalista, não se desliga da ideia do professor como detentor de uma responsabilidade que vai além de sua função-mor: a formação intelectual.

Ressalta, ainda, a visão do professor como doutrinador, isto é, aquele que “é também percebido como figura afetiva responsável pela formação moral e de hábitos de seus alunos” (LYRA, 1999, p. 6). A título de exemplo, é interessante expor aqui duas respostas bem próximas à ótica sacerdotal: [Ser professor] “é dar aula, ensinar para a

vida, ter influência, *doação, sacerdócio...*" [Ser professor] "*é ter amor, carinho, gostar daquilo que faz...*" [grifo nosso] (LYRA, 1999, p. 6).

Some-se a isso a persistência do professor, em continuar a sua missão, apesar do desamparo das políticas governamentais, "trabalhando em instituições com condições insatisfatórias para o exercício adequado da profissão" (LYRA, 1999, p. 7).

Analisando estas facetas, percebemos que o professor ainda é considerado um artesão, um vocacionado na sua função, que mesmo convivendo com algumas mazelas permanece firme no seu labor, gratificado pela eficácia na aprendizagem.

Contudo, para Sá (1986), essa perspectiva não está de acordo com os padrões do capitalismo, uma vez que

O professor artesão, erudito, tem um custo elevado para sua formação e reprodução, porque depende de ampla formação geral e tudo que aumenta o custo de reprodução diminui a produção de excedente; a baixa produtividade – a ação pedagógica tradicional ou artesanal condiciona um número reduzido de alunos atendidos por um professor (SÁ, 1986, p.23).

Hiro (2013) explicita a proletarização do trabalho docente que tem de ser equiparado aos outros trabalhadores, visto que o papel do professor é reflexo das mudanças socioeconômicas do mundo globalizado, acompanhando o processo de inserção do processo educacional na "economia institucional" (HIRO, 2013, p.77).

Sá (1986) afirma que a escola da atualidade segue o modelo das grandes empresas, com profissionais assalariados, setorizados e hierarquizados. Sendo assim, percebemos que, para o novo "mercado da educação", a proximidade entre professor e aluno, como existia entre mestre e discípulo, já não é importante, mas sim a transmissão do saber sistemático.

As afirmações evidenciam que, para Sá (1986) e Hiro (2013), o modelo de magistério como ofício se sobrepôs aos moldes sacerdotais, ao eclodir o capitalismo no meio acadêmico, com suas inspeções, supervisões e fiscalizações sempre em busca de uma maior produção e reprodução do saber sistemático.

A introdução e aprofundamento da divisão técnica do trabalho escolar, a expropriação dos meios de produção e de transmissão do saber escolar, o regime salarial baseado no 'arrocho', e as grandes empresas educativas privadas e estatais *põem em cheque definitivamente a*

concepção e a prática da dita escola tradicional (SÁ, 1986, p.27, grifo nosso).

Entretanto, ao retomarmos a linha sacerdotal do magistério, encontramos a afirmação de que o professor não consegue se realizar profissionalmente, tratando seus alunos como consumidores do fragmento de seu saber; o verdadeiro mestre quer estar próximo de seu discípulo.

Essa vertente afirma ainda que o professor se realiza não somente ao ensinar, segundo Rodriguez (2008), o mestre tinha a função de despertar a verdade – que era tida como encontro entre fé e cultura – do interior do discípulo e para isso, deveria manter-se sempre atualizado e disposto à troca de conhecimentos com seu aluno, num aprendizado de atualização circular. “Agostinho afirmava: ‘Em tanto sou bom mestre enquanto sigo sendo aluno’” (RODRIGUEZ, 2008, p.47).

Considerando esses aspectos, podemos ver que as duas vertentes embora distintas se apresentam interseccionadas no perfil do professor da atualidade. Isso pode ser fruto do contato com professores com mais experiência, principalmente na formação inicial do professor, e do sentimento e expectativa própria frente à carreira docente entrelaçados à vivência da sociedade atual, com suas características sócio econômico culturais pautadas na ótica capitalista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos com este artigo viabilizar uma reflexão em torno das especificidades do magistério como ofício e sacerdócio, a fim de explicitar quais características de cada uma dessas vertentes estão presentes na docência na contemporaneidade.

Entendemos que tanto a vertente sacerdotal quanto a proletarizada estão presentes na docência. Esta, em decorrência das necessidades econômicas próprias do capitalismo; aquela, em decorrência da proximidade entre quem ensina e quem aprende. Entre ambas, não nos parece ousado afirmar que a proximidade favorece o diálogo entre as partes, e que esta quebra barreiras e intensifica os afetos, bastante esmaecidos na sociedade atual, em decorrência do individualismo oriundo do capitalismo.

Sendo assim, acreditamos que os envolvidos na relação ensino-aprendizagem seriam melhores beneficiados se o perfil do professor deste mundo globalizado agenciasse essas duas facetas que elencamos neste estudo: a sacerdotal e a profissional.

A primeira justifica-se em virtude da necessidade de mediar um saber que prepare o aluno para a vida plena. Tal preparação o estimulará a agir no seu meio de forma a beneficiar-se e a beneficiar a outrem, igualmente. Nessa perspectiva o aluno buscará o bem comum. Mas não é somente o aluno que será beneficiado, também o professor sentir-se-á mais realizado e feliz ao se ver colaborador da construção de uma identidade mais sólida, capaz de assegurar um futuro mais estabilizado.

A segunda justifica-se em virtude da necessidade de apresentar-se a si mesmo, à sociedade e ao seu aluno como alguém que escolheu uma profissão que assegura uma vida digna para si e para os seus, ideologia capitalista para todos os assalariados.

É possível que a primeira vertente possa parecer utópica e alienante, em virtude das relações capitalistas do mundo atual, mas, mesmo correndo-se o risco de toda crítica contra tal posicionamento, cremos que ela possa ser sustentada, considerando-se que o homem é, antes de tudo, um ser social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HIRO, Cássio D. Educação, trabalho e proletarização: o professor enquanto trabalhador docente. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 117, p. 73-80, mai., 2013. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/19861/11104>>. Acesso em: 15 out. 2014.

KRENTZ, Lúcio. Magistério: vocação ou profissão? **Educação em Revista**, n. 3. jun. 1986. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981986000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 out. 2014.

LENGERT, Rainer. Profissionalização docente: entre vocação e formação. **La Salle – Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 16, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 2011.

Disponível em:

<<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/195/209>>.

Acesso em: 17 out. 2014.

LYRA, Jorge. **Docência**: uma profissão? Estudo da representação social do professor com relação à sua profissão. 1999. (Texto de divulgação). Disponível em: <https://www.ufpe.br/proext/images/publicacoes/cadernos_de_extensao/Educacao/docencia.htm>. Acesso em: 14 out. 2014.

RODRIGUEZ, Margarita V. Reformas educacionais e proletarização do trabalho docente. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, v. 30, n. 1, pp. 45-56, 2008.

Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/5099/3307>>.

Acesso em: 22 out. 2014.

SÁ, Nicanor P. O aprofundamento das relações capitalistas no interior da escola.

Cadernos de Pesquisa, n. 57, p. 20-29, mai., 1986. Disponível

em:<[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741986000200002&lng=pt&nrm=iso)

[15741986000200002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741986000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 24 out. 2014.